

“ESCREVO A MISÉRIA E A VIDA INFAUSTA DOS FAVELADOS”¹:
Carolina Maria de Jesus, interseccionalidades e escrita de si.”

Raulene dos Santos Silva²

Laura Lene Lima Brandão³

Resumo: O presente artigo investiga a vida e trajetória de Carolina Maria de Jesus na favela Canindé, nos anos de 1950, com o intuito de compreender, através da escrita de si, as interfaces entre raça, classe e gênero na escrita dessa autora. Pretende-se também analisar, através dessas categorias, a condição de vida precarizada em que Carolina Maria de Jesus se encontrava. Em um cenário marcado pela pobreza e diversas dificuldades, ela ganhou voz após a publicação do Livro *Quarto de despejo: diário de favelada*, em que, através de uma escrita sensível, narra seu cotidiano na favela em que residia. Através da trajetória de Carolina Maria de Jesus, esta pesquisa analisa, por extensão, o momento histórico e social em que essa personagem viveu, comprovando as limitações e barreiras enfrentadas pelas mulheres negras naquele período. Para a construção deste trabalho, utilizamos como fonte o diário escrito pela autora, em que apresenta suas experiências como mulher negra e periférica com o objetivo de compreender como utilizou da escrita como instrumento de resistência, dando voz às suas experiências e denunciando as desigualdades sociais e raciais vividas. Adotando uma perspectiva teórica de análise da dimensão da luta pela existência e pela vida através da escrita de si, partindo de uma revisão ampla e aprofundada acerca de sua vida, incluindo outros livros como *Casa de Alvenaria*, este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento, apontando para a existência de estudos que destacam a importância de obras literárias em que os registros são instrumentos de luta pela vida e a valorização das vozes femininas negras.

Palavras-chaves: Carolina Maria de Jesus. Escrita de si. Interseccionalidades. História.

¹ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.28.

² Graduanda do curso de História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Campus Josefina Demes, Floriano Piauí. E-mail: rdosss@aluno.uespi.br

³ Professora Adjunta 1 da Universidade Estadual do Piauí Campus Dra. Josefina Demes. Doutora em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Orientadora deste trabalho. E-mail: laurallbrandao@frn.uespi.br

ABSTRACT: This article investigates the life and trajectory of Carolina Maria de Jesus in the Canindé favela during the 1950s, aiming to understand, through her writing, the interfaces between race, class, and gender in this author's work. It also intends to analyze, through these categories, the precarious living conditions in which Carolina Maria de Jesus found herself. In a scenario marked by poverty and various difficulties, she gained a voice after the publication of the book "Quarto de despejo: diário de favelada," in which, through sensitive writing, she narrates her daily life in the favela where she lived. Through the trajectory of Carolina Maria de Jesus, this research also analyzes the historical and social moment in which this figure lived, demonstrating the limitations and barriers faced by Black women during that period. For the construction of this work, we used as a source the diary written by the author, in which she presents her experiences as a Black and peripheral woman, aiming to understand how she used writing as a tool of resistance, giving voice to her experiences and denouncing the social and racial inequalities she faced. Adopting a theoretical perspective that analyzes the dimension of the struggle for existence and life through self-writing, based on a broad and in-depth review of her life, including other books such as "Casa de Alvenaria," this work presents partial results of ongoing research, pointing to the existence of studies that highlight the importance of literary works where records serve as instruments of the struggle for life and the valorization of Black women's voices.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Writing of oneself. Intersectionalities. History.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a vida e trajetória de Carolina Maria de Jesus na favela Canindé, nos anos de 1950, com o intuito de compreender, através da escrita de si, as interfaces entre raça, classe e gênero na produção dessa autora. Pretende-se também analisar, através dessas categorias, a condição de vida precarizada em que Carolina Maria de Jesus se encontrava.

Em um cenário marcado pela pobreza e diversas dificuldades, ela ganhou voz após a publicação do livro “*Quarto de despejo: diário de favelada*”⁴, publicado em 1960

⁴ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

onde, através de uma escrita sensível, narra seu cotidiano na favela em que residia. Nesse sentido, faz-se o uso da literatura como instrumento significativo para descrever sua vivência e as dificuldades pelas quais passou.

Segundo Teresinha Queiroz, que discute o uso da literatura na pesquisa histórica, esse tipo de fonte permite:

Uma nova forma de pensar a História, novas formas de pensar as relações entre História e Literatura, remetem à possibilidade de utilização de diversos conjuntos de fontes, a diferentes categorias documentais até então pouco utilizadas no repensar e no refazer dessas. A referência é especialmente a fontes que não haviam sido sistematicamente trabalhadas até décadas recentes, que pudessem informar acerca da vida literária, da ação literária e da vida cultural em sentido bastante amplo.⁵

Essa abordagem pode ser utilizada para analisar os livros de Carolina Maria de Jesus, que, ao descrever seu cotidiano, não só relata acontecimentos de sua vida, mas também gera inúmeras indagações sobre as questões sociais, desigualdades e racismo ainda presente na sociedade da época. Em seus diários, Carolina Maria de Jesus mostra como a literatura pode ser um método muito eficiente quando se trata em dizer a voz a luta de indivíduos ainda marginalizados perante a sociedade.

Nesse sentido, Terezinha Queiroz disserta:

A memória ou autobiografia é um registro notável exatamente porque ao tempo em que se pretende como o real, que se propõe como verídica, que projeta ser fiel ao processo vivido pelos literatos ou por outro personagem que intente deixar sua história pessoal para a posteridade, ela é uma documentação profundamente esclarecedora a partir de sua indiscutível mistificação. Dessa forma, sua importância deriva do que diz e fundamentalmente do que omite.⁶

Está escrita intima realizada pela autora nos mostrando sua vida pessoal, bem como sua obra escrita de forma literária não apenas enriquece sua escrita, mas também a coloca em um lugar de referência quando se trata da literatura brasileira.

Além disso, a própria Carolina Maria de Jesus aponta sua relação subjetiva com a escrita literária:

Estou escrevendo e pretendo continuar escrever. Agora que eu estou encaixada dentro do meu ideal que é escrever. Tenho impressão que

⁵ QUEIROZ, Teresinha. História e literatura. In: QUEIROZ, Teresinha ***Do singular ao plural***. Recife: Edições do Bagaço, 2006. p 83.

⁶ QUEIROZ, Teresinha. História e literatura. In: QUEIROZ, Teresinha ***Do singular ao plural***. Recife: Edições do Bagaço, 2006. p 89.

estou regressando ao passado, que estou voltando aos 20 anos, aos 18.⁷

A autora ressalta a sua paixão em escrever e mostra como a literatura se faz uma fonte muito importante para construção de sua narrativa. Ao escrever sua história, Carolina Maria de Jesus mostra sua vida por inteiro e denuncia uma realidade frequentemente ignorada, induzindo os leitores a analisarem as injustiças que ainda permeiam a sociedade da época.

Através da trajetória de Carolina Maria de Jesus, esta pesquisa analisa, por extensão, o momento histórico e social em que essa personagem viveu e escreveu, analisando as limitações e barreiras enfrentadas pelas mulheres negras e periféricas naquele período.

Carolina Maria de Jesus era uma mulher negra e teve uma infância muito difícil, trabalhando desde muito cedo para ajudar na renda de sua família, aprendeu a ler e escrever em um curto período que estudou em uma escola na cidade em que nasceu. Apesar das dificuldades, nunca deixou de idealizar uma vida melhor para ela e seus entes, como relata em sua escrita. Nasceu na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, no ano de 1914, mas viveu a maior parte de sua vida na favela do Canindé, localizada no estado de São Paulo. Ela ganhou voz por seu livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, onde narra suas experiências como mulher negra, pobre e mãe solo, abordando questões de desigualdade social, racismo e a luta pela sobrevivência.

Assim, a análise interseccional é de suma importância para entender melhor a obra de Carolina Maria de Jesus. Sua experiência como mulher preta e pobre no Brasil a põe em uma posição de várias camadas de opressão e desvalorização. Nesse sentido, através de sua escrita, a autora denuncia as condições precarizadas vivenciadas por ela como mulher, negra e pobre. Assim como, reivindica espaços para vozes femininas, que frequentemente são invisibilizadas nas narrativas dominantes.

Partindo dessa perspectiva conceitual, o livro “*Interseccionalidade*” da autora Patrícia Hill Collins⁸ é de suma importância, pois disserta sobre o conceito de Interseccionalidade e como ele pode ser mobilizado para compreender as questões sociais e políticas. Segundo a autora:

⁷ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v.4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.25.

⁸ Collins, Patricia Hill **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humana.⁹

Collins como uma das principais referências quando se trata do feminismo negro, pesquisa como raça, gênero, sexualidade e classe se unem. Nesse sentido, também aborda a importância de ouvir as mulheres negras, suas experiências que muitas vezes são marginalizadas dentro dos discursos feministas e sociais predominantes, por muito tempo apenas dedicado às mulheres brancas, um sujeito universal feminino que o feminismo negro ajudou a desconstruir e a incluir novas realidades.

Outro aspecto que esta pesquisa aborda é o lugar da mulher negra no cenário da escrita, sendo de suma importância questionar por que foram invisibilizadas neste meio e quais foram os fatores que contribuíram para esta situação.

Nesse sentido, Beatriz Nascimento argumenta:

Ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de resistência à dor, ao sofrimento físico e moral, à sensação de não existir, a prática de ainda não pertencer a uma sociedade na qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo.¹⁰

Partindo deste pressuposto, Beatriz Nascimento coloca o negro brasileiro como algo não visto e valorizado na sociedade atual e quando a temática chega as mulheres pretas, a invisibilidade é mais presente ainda, nesse sentido, sendo postas rotineiramente em condição de subalternidade pelas categorias de raça e gênero.

Carolina Maria de Jesus não foi apenas mais uma mulher negra esquecida dentro da história, mas também uma mulher que buscou sua autonomia e espaço na sociedade em que viveu. Essa pesquisa é uma análise do livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada e Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*” para entender

⁹ Collins, Patricia Hill **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.p.16.

¹⁰ NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza 2007.

como escrevia sobre si, suas vivências e sua condição interseccional de mulher negra e periférica, tomando como base algumas teóricas como Lélia Gonzales (2020), Carla Akotirene (2019), Bell Hooks (2019), entre outros que discutem literatura feminina, raça, classe e questões de gênero.

Assim, a análise do livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*” e o livro “*Casa de Alvenaria*” escrito por Carolina Maria de Jesus, a partir da escrita de si, contribuiu de maneira relevante para a compreensão acerca das condições de exclusão de mulheres pretas no Brasil. Nesse sentido, esta abordagem nos permite refletir sobre os lugares e as tensões vivenciadas por mulheres na escrita e suas representações neste cenário.

“EU NÃO SOU INDOLENTE. HÁ TEMPOS QUE EU PRETENDIA FAZER O MEU DIÁRIO. MAS EU PENSAVA QUE NÃO TINHA VALOR E ACHEI QUE ERA PERDER TEMPO”¹¹: CAROLINA MARIA DE JESUS E OS DESAFIOS DE SE FAZER ESCRITORA

Em 1960, a escritora Carolina Maria de Jesus publicou o livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, um livro que se originou através de um diário pessoal, onde ela relatava seu cotidiano na favela como mulher negra, pobre e mãe solteira. A obra possui este nome em referência ao local em que a autora morava com seus filhos: um quarto sujo, improvisado e que servia de depósito de livros. Entretanto, Carolina Maria de Jesus sempre enfatizava seu interesse em sair dali. Em uma passagem do livro, a autora diz que “é que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.”¹²

Como seu livro foi construído através de uma escrita de seu dia a dia, sua obra registra diversos acontecimentos como preconceito, desigualdade, opressão, fome e episódios de depressão, relatadas de maneira bem sensível e íntima para os leitores. Essa característica é típica da escrita de si, conforme observa Lissandra Vieira Soares e Paula Sandrine Machado:

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas,

¹¹ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.p.24.

¹² JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.p. 24.

uma vez que se comprehende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas.¹³

A relevância desse tema é ainda mais evidenciada por Ângela de Castro Gomes no livro *Escrita de si, escrita da História*, onde afirma:

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si.¹⁴

Além disso, as vivências de Carolina Maria de Jesus também demonstram como a sociedade se mostrava nitidamente preconceituosa com relação a cor. Em várias passagens de sua obra que analisamos neste trabalho, a autora relata suas dificuldades, esperanças e os dilemas enfrentados para se inserir como escritora. Em um trecho do livro a autora narra que:

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos.
Eles respondia-me:
- É pena você ser preta.
Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico.
Eu até acho o cabelo de negro mais idêntico do que o cabelo de branco.
Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco,
é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é
que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta.
...Um dia, um branco disse-me:
Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos
podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua
origem.¹⁵

¹³ SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

¹⁴ **Escrita de si, escrita da história** / Organizadora Angela de Castro Gomes. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.p.13.

¹⁵ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.p. 55.

A autora escreve a obra sob a perspectiva de narradora do seu cotidiano, fazendo alusão às dificuldades como mulher negra. Isso permite a aproximação de outros indivíduos negros que também se identificam com a realidade que Carolina Maria de Jesus vivia. Ao escrever relatos de sua vida, a autora dá voz a um grupo que rotineiramente se encontra silenciado, relatando uma luta global e refletindo na experiência de muita outras mulheres negras. Ademais, seu livro, ao trazer a público as injustiças sociais, colaboraram para uma discussão mais abrangente sobre gênero, raça e classe.

Em outra passagem do livro, Carolina Maria de Jesus descreve uma crítica carregada de estereótipos e preconceitos, onde um dos moradores da mesma favela demonstram estranhamento quanto ao seu interesse pela escrita: “falam que ‘nunca viram uma preta gostar tanto de ler’”, nesse ponto percebemos a imagem passada a sociedade, pois coloca o preto como algo inferior e que não deveria ter o hábito da leitura. Nesse sentido, mesmo sendo reconhecida por sua escrita, ainda havia pessoas que se referiam a sua cor como algo ruim, reproduzindo assim um preconceito em relação a Carolina Maria de Jesus. Em uma passagem do livro Casa de Alvenaria a escritora relata que:

Os estudantes perguntaram os fatos da favela. Eu ia respondendo. Disse-lhe que os favelados lutam para alimentar-se. Perguntaram porque é que eu, sendo preta, estava recebendo um diploma da Academia?

Foi vaiado. Citaram-lhe que êles ali não admitia preconceito de côr.¹⁶

Outro momento significativo relatado pela autora acerca desse tema é quando mostra seu receio em escrever o livro, onde a mesma questiona o seu valor enquanto escritora: “Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo.”¹⁷ Esse trecho mostra como a mulher preta era invisibilizada a ponto de a própria autora pensar que sua escrita não era importante e por isso não precisava ser vista. Nesse sentido, esta visão é adquirida por Carolina Maria de Jesus após inúmeras tentativas dela em divulgar suas escritas serem negadas, em grande medida, pela sua condição de mulher preta e periférica e consequentemente mulher.

¹⁶ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v.4 da Coleção “Contrastes e Confrontos”. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.55.

¹⁷ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014. p.24.

Esse medo acompanha Carolina Maria de Jesus por muito tempo ainda, porém, em seu futuro este receio vem por outros motivos.

23 de novembro Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir- me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa. Eu não tenho. Ela ficou de comigo. Ela quer 500.000 cruzeiros. Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando favelados fui apedrejada...¹⁸(grifos do autor).

Em seu livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, Carolina Maria de Jesus discute também acerca do preconceito, racismo, desigualdade, fome, depressão, e embora ela se refira a década de 50, o texto ainda se mostra muito atual, uma vez que as diversas situações relatadas pela autora ainda são vistas atualmente.

No trecho em que Beatriz descreve a situação ainda imposta ao negro no Brasil, reflete sobre a falta de oportunidade, levando-nos a pensar em conexão com Lélia Gonzalez. Lélia Gonzalez também, assim como Carolina Maria de Jesus buscou se destacar e lutar através de sua escrita por liberdade de expressão, mostrando como o negro é visto perante a sociedade. Nesse sentido, sua escrita é bastante apropriada quando afirma:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.¹⁹

Evidenciando assim de forma realista como a sociedade muitas vezes vê as pessoas negras, associando-as a estigmas e preconceitos e as tratando como 'sujas', entretanto, mostrando também como o negro resiste através de sua fala. Seguindo este pensamento, as vivências de Carolina Maria de Jesus também demonstram como a sociedade se mostrava nitidamente preconceituosa com relação a cor.

¹⁸ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.83.

¹⁹ GONZALES, Lélia. **Racismo e sexism na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, 1987. p.3.

Ademais, Carolina conta em seu diário que sempre tentava ser vistas por roteiristas da época, mas quase sempre está oportunidade a ela era negada pelo fato de ser uma mulher negra. Essa disparidade entre ambas as situações revela o enraizamento do racismo estrutural presente na sociedade, em que coloca o negro como inferior. Esse contexto tão generalizante leva, muita das vezes o próprio cidadão negro a se menosprezar e isso se aplica perfeitamente ao conceito de denegação da Lélia González quando escreve:

Para um bom entendimento das artimanhas do racismo acima caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de denegação (*Verneinung*): "processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até ai recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença" (Laplance e Pontalis, 1970). Enquanto denegação de nossa ladinoamefrikanidade, o racismo "à brasileira" se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer ("democracia racial" brasileira).²⁰

No trecho em que Lélia Gonzalez descreve o processo de denegação, a autora reflete sobre o processo de recusa a sua origem, levando-nos a pensar em conexão com Munanga acerca da seguinte observação:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos descriptivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações.²¹

Embora o autor se refira ao contexto em sala de aula e a forma como esses indivíduos são mostrados a população em geral, a condição do grupo específico em outras épocas também carregava esta visão, evidenciando um apagamento social que se mostra neste meio. Munanga se correlaciona com o conceito de denegação e na forma como o indivíduo nega o seu lugar. Carolina Maria de Jesus, ao se ver como irrelevante com relação a sua escrita, percebe que mesmo ainda não sendo vista ou conhecida poderia continuar a escrever e acreditar na sua escrita.

Ademais, Munanga também externaliza:

²⁰ GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefrikanidade**. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69.

²¹ **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.22-23.

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.²²

Através de sua análise, o autor discute a forma como o negro é mostrado, e isso se aplica perfeitamente á uma situação que Carolina Maria de Jesus presenciou.

Juro, eu nunca comprehendo o ente humano. É o pior enigma para mim. Se uma pessoa é pobre, quer ser rico. Se está doente quer ter saúde, se é gordo quer emagrecer. Se é magro quer engordar, se é solteiro quer casar-se. Há os que depois que casam... arrepende-se. Os que são altos demais ou baixo demais, tem complexos. Eu conheci uma preta. A Nair. Tinha desgosto de ser preta. Não ia aos bailes de pretos.²³

Sendo assim ao analisar a batalha continua para se adequar a modos muitas das vezes distantes de sua realidade, mostra como a inconformidade está presente no cotidiano humano. Carolina Maria De Jesus, teve que enfrentar muita das vezes não só a pobreza relacionada a falta de alimentos básicos para sobrevivência, como também a falta de reconhecimento e aceitação de seus pares.

“NUNCA VI UMA PRETA GOSTAR TANTO DE LIVROS COMO VOCÊ”²⁴: RAÇA E GÊNERO NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Desde os primórdios as mulheres negras foram vistas como algo de pouco ou nenhum valor, uma visão que se perpetua na sociedade atual devido aos vieses machistas enraizados no patriarcado e no racismo, resultando na tendência de considerar como errado ou desmoralizador tudo o que se desvia dos padrões existentes. Essa mentalidade também contribui para a desvalorização e desrespeito feminino ao longo dos anos, limitando o reconhecimento e o desenvolvimento das capacidades intelectuais das mulheres, principalmente das mulheres negras.

²² Superando o Racismo na escola. 2^a edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.22-23.

²³ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.168.

²⁴ ²⁴ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2014. p.22.

A opressão do homem negro durante a escravidão tem sido descrita como emasculação, pelo mesmo motivo que praticamente nenhuma atenção acadêmica tem sido dispensada à opressão de mulheres negras durante o período da escravidão. Subacente a ambas as tendências está o pressuposto sexista de que as experiências de homens são mais importantes do que as de mulheres, e de que o mais importante entre as experiências de homens é a habilidade deles de se afirmarem patriarcalmente.²⁵

Nesse sentido, as questões relacionadas a interseccionalidade cria um contexto ainda mais complexo para Carolina Maria de Jesus. A opressão que teve que enfrentar não se limitavam apenas ao machismo, como também ao racismo ainda estruturado na sociedade, onde se perpetuou estereótipos negativos e barreiras sociais. Por exemplo:

Despedi e segui olhando as latas de lixo nas ruas. Quando eu, com o meu saco de 40 quilos, curvava de lata em lata recolhendo os papéis e as latas e os metais na sacola, a Vera reclamava que o seu sonho era vestir igual as meninas da vitrine, tenho a impressão que estou vivendo um sonho. Onde há momentos maravilhosos e momentos trágicos.²⁶

Elá relata a sua longa jornada de trabalho para conseguir comer e o sonho em vestir algo de vitrine, em que naquele momento devido a sua condição financeira era inviável, levando-nos a pensar em conexão com Kimberlé Crenshaw:

A conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Elá trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcado, a opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.²⁷

Embora Gonzalez se refira à necessidade de enfrentar esta barreira da realidade que permeiam a vida de muitas mulheres negras²⁸, a condição de Carolina

²⁵ HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** [recurso eletrônico]: mulheres negras e feminismo / bell hooks; tradução Bhumi Libanio. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.p.45.

²⁶ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v.4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.127.

²⁷ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p 175, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/0>. Acesso em: 21 ago. 2018.

²⁸ GONZALES, Lélia.¹ Racismo e sexismno na cultura brasileira². In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223-244.

Maria de Jesus naquela época era de muitas dificuldades com relação a pobreza, desigualdades, racismo, evidenciando um abandono social que se mostra em fome, discriminação e falta de oportunidades.

A análise da vida de Carolina Maria de Jesus revela a forma como as mulheres ainda são vistas e tratadas na sociedade, onde buscam defender sua liberdade, enfrentando as adversidades e buscando garantir sua dignidade. Em seu diário a autora escreve que por algumas vezes foi chamada de louca pois sempre escrevia, mas não ganhava nada²⁹, isso nos leva a questionar a necessidade de uma maior visibilidade feminina.

Analizando como se estabelecem as relações entre homens e mulheres, em parte significativa dos países, é possível mostrar como as desigualdades são construídas historicamente, numa relação de exploração-dominação e o privilégio dos homens em detrimento das mulheres. Isso quer dizer que os valores e ideias existentes na sociedade, estabelecem uma hierarquia de poder entre os sexos e fazem com que a relação dominação/submissão entre homens e mulheres esteja presente em todos os lugares: na família, na empresa, nas igrejas, nos sindicatos, nos partidos políticos.³⁰

Em um fragmento de seu livro, a autora narra sua experiência como mulher negra e os desafios postos pela questão de gênero. Diz a autora que:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo do que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

Por que a senhora não faz eu virar homem?³¹

Carolina Maria de Jesus descreve como a maior parte da população ver a história. Uma história marcada por homens e sem citar participações femininas. Nesse sentido, a autora sentia que para ser reconhecida e valorizada como escritora e agente participativo da história a mesma precisava ser do gênero masculino. Sendo assim, quando questiona sua mãe, expressa o desejo de ter as mesmas oportunidades e reconhecimento que um homem em seu lugar teria. Relata também a desigualdade de gênero dentro do âmbito editorial e a forma como a mulher é apagada da história.

²⁹JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada.10. ed. São Paulo: Ática, 2014.p. 78.

³⁰ RICHARTZ, Terezinha. Paradoxos da implementação da lei de cotas para cargos no legislativo paulista nos partidos PT, PSDB e PFL. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP). São Paulo, 2007, p. 26.

³¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2004. p.46.

Quando se trata do assunto, Bell Hooks disserta:

Como várias pessoas em nossa sociedade racista, as feministas brancas conseguiam se sentir bastante confortáveis escrevendo livros ou artigos sobre a “questão da mulher” nos quais criavam analogias entre “mulheres” e “negros”. Uma vez que o poder, o apelo e a própria razão de ser das analogias derivem da ideia de dois fenômenos disparem serem aproximados, se mulheres brancas reconhecessem a sobreposição das palavras “negros” e “mulheres” (ou seja, a existência de mulheres negras), essa analogia seria desnecessária. Ao continuamente fazer essa analogia, elas involuntariamente sugerem que para elas a palavra “mulher” é sinônimo de “mulheres brancas” e a palavra “negros” é sinônimo de “homens negros”.³²

A autora se concentra no fato da sociedade apagar a mulher negra e sua história, considerando que esta não tem espaço. Além disso, Conceição Evaristo complementa que esta desigualdade e silenciamento também está relacionado a questão de raça e classe, reforçando este víeis de desigualdade ainda existente na sociedade contemporânea. Esta relação é fundamental para entender como este fenômeno afeta as mulheres negras, mães solteiras e pobres. Nesse contexto, é essencial considerar o local em que Carolina Maria de Jesus morava e sob quais condições que podem influenciar na realidade vivida pela escritora.

...O José Carlos entrou dizendo que estava com fome. Vamos preparamos para irmos para a cidade. Vamos ver se o pai da Vera levou-lhe o dinheiro no Juiz. O João voltou da escola alegre por eu ter mandado pão para ele. Nós saímos. Passei no empório do Senhor Eduardo e pedi se ele me vendia uns sanduíches para os filhos. Não tinha pão. Só eu notei os olhares tristes dos meus filhos, porque sou mãe. Nós fomos para a cidade. Passamos pelo Mercado. A Vera olhava no solo para ver se encontrava algo para comer. Não encontrou nada. Começou a chorar e não queria andar. Eu disse-lhe: -Vamos no Juiz ver o dinheiro e eu compro algo para você.³³

Ademais, a análise das intersecções sociais revela a vida de Carolina Maria de Jesus possui muitas dimensões, incluindo racismo, gênero e desigualdade social. Cada uma dessas dimensões desempenha um papel crucial na compreensão das barreiras enfrentadas pela autora. Nesse sentido, destaca que a interseccionalidade está intrinsecamente ligada a este momento e é crucial considerar como essas múltiplas opressões afetaram sua carreira de escritora e sua vida como mulher e mãe. Como Crenshaw ressalta:

³² hooks, bell E eu não sou uma mulher? [recurso eletrônico]: mulheres negras e feminismo / bell hooks; tradução Bhuvi Libanio. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.p.26.

³³ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.11.

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas de peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados às suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres. Do mesmo modo que as vulnerabilidades especificamente ligadas ao gênero não podem mais ser usadas como justificativa para negar a proteção dos direitos humanos das mulheres em geral, não se podem também permitir que as diferenças entre mulheres marginalizem alguns problemas de direitos humanos das mulheres, nem que lhes sejam negados cuidado e preocupação iguais sob o regime predominante dos direitos humanos. Tanto a lógica da incorporação do gênero quanto o foco atual no racismo e em formas de intolerância correlatas refletem a necessidade de integrar a raça e outras diferenças ao trabalho com enfoque de gênero das instituições de direitos humanos.³⁴

A desigualdade de gênero constitui peça fundamental nessa dominação. Bárbara Araújo Machado escreveu em sua dissertação denominada *"Recordar é preciso": Conceição Evaristo e sua intelectualidade negra no contexto do movimento negro contemporâneo (1982-2008)* em que dedica um capítulo para analisar as questões de raça, classe e gênero em perspectiva interseccional. Para a autora:

Uma possibilidade crítica levantada pela perspectiva interseccional frente aos estudos culturais de maneira geral está em perceber raça, classe e gênero, não como meros construtores de identidades, mas como fatores que estruturam e organizam a desigualdade social³⁵

Através dessas relações de desigualdade, é notório que o poder é mantido somente por alguns privilegiados, seja no âmbito político, moral, nos privilégios sociais ou domínio da família. Nesse sentido, historicamente, o patriarcado tem se mantido no domínio dessas esferas. Para Saffioti:

Assim o gênero pode ser entendido como uma convenção social, histórica e cultural, baseada nas diferenças sexuais. Da mesma forma que a categoria gênero depende de um —acordo social que delimita os papéis masculino e feminino, ele pode mudar dependendo do período histórico da sociedade. A sociedade delimita com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem.³⁶

³⁴ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos a gênero. Tradução Liane Schneider. Los Angeles: University of California, 2002.p.173.

³⁵ MACHADO, Bárbara Araújo, Recordar é preciso. Conceição Evaristo e a intertextualidade negra no movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). Universidade Federal Fluminense Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2014.p.44)

³⁶ SAFFIOTI, Heleitch I.B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.p.8.

A mulher ao conquistar seu espaço, enfrenta inúmeros ataques, pois é vista aos olhares masculinos como inferior e por este motivo precisa ser dominada. Esta visão é reforçada pelo sistema de opressão, que nega os direitos femininos.

Quando este assunto chega as mulheres negras, neste caso relacionado a Carolina Maria de Jesus, o sofrimento é ainda maior, pois faz parte de um grupo que sofrem de inúmeras formas, sendo elas de cunho social, de gênero e racial, no entanto, busca romper com esses paradigmas já impostos por uma parcela da sociedade. A posição da personagem, sendo uma mulher negra e pobre a coloca em um espaço de subalternidade, onde a sua cor e posição social fazem com que a mesma permaneça no “lugar” que historicamente e ideologicamente já foi reservado.

A D. Maria trabalha para mim. Quando chega visitas ela fica descontente e triste, murmurando: Meu Deus do céu, isto é o fim do mundo! Deus está me castigando. O mundo está virando. Eu, branca, ter uma patroa preta...

Eu dava risada e pensava: nós os pretos não revoltamos de ter patrões brancos. (...) Não sou exigente com as minhas empregadas. Não faço questão de cor. Gosto de D. Maria porque ela lava roupa muito bem.³⁷

Nesse sentido, o silenciamento direcionado as mulheres negras também está intrinsecamente ligado ao racismo. Nesse contexto, mesmo após o fim da escravidão ficou reservado a população negra os piores índices e empregos, nesta área sempre relacionado até os primórdios como faxineiras, cuidadoras do lar e babas. Segundo Davis:

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas [9]. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras.³⁸

A pobreza vivenciada por Carolina Maria de Jesus, também é outro motivo de opressão vivida por ela. Suas necessidades básicas, sendo elas: propriedade, acesso a trabalho digno, alimentação, educação e bens governamentais gratuitos, não foram fornecidos a escritora.

³⁷ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.103.

³⁸ **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.p.24.

6 DE JUNHO... Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo?³⁹ (grifos do autor).

Nesse sentido, fica nítido a relação de sexismo, racismo e desigualdade. Este fator pode-se relacionar ao fato de mesmo o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* ter vendido dezenas de exemplares Carolina Maria de Jesus não ter ganho o devido prestígio na época, pelo contrário, a mídia lançava matérias sensacionalista, apossando-se de uma ideia de mulher ingênua, na tentativa de menosprezar seu trabalho. O jornal Folha de S. Paulo, de dezembro de 1976 publicou: "Carolina: vítima ou louca?"⁴⁰ Em outras reportagens ao longo das décadas de 1960 e 1970 o mesmo jornal ainda noticiou:

Carolina de Jesus deixou a casa de alvenaria e voltou a catar papel em São Paulo (Jornal do Brasil, 1966);
Carolina de Jesus quer viver com os indígenas (Folha de S. Paulo, 5/2/1970);
Após a glória, solidão e felicidade (Folha de S. Paulo, 29/6/75); (Folha de S. Paulo, 1/12/76).⁴¹

Nesse sentido, não era apenas a mídia que lançava maus olhos a Carolina Maria de Jesus, mas também os vizinhos de sua nova morada. No livro *Casa de Alvenaria*, a autora relata que:

Os filhos queixou-se que o vizinho dos fundos espancou-os porque eles pularam o muro. É que o vizinho é implicante. Eles não atinge o muro do vizinho. O homem xingou os meus filhos. Disse-lhes que nós somos vagabundos que estamos habituados a comer coisa do lixo.⁴²

Nesse contexto, durante muito tempo atribui-se as mulheres negras e pobres um papel inferior na sociedade, onde mesmo ganhando fama e sendo vista pela mídia ainda eram oprimidas e constante atacadas por sua classe e racismo. Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus escreve:

Ao publicar o quarto de despejo
concretizava assim o meu desejo.

³⁹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed.São Paulo: Ática, 2014.p. 151.

⁴⁰ MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus**: determinações e imaginário. Psicologia & Sociedade, v. 18, n. 2, p. 108, 2006. (apud FOLHA DE S. PAULO, 1976).

⁴¹ MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus**: determinações e imaginário. Psicologia & Sociedade, v. 18, n. 2, p. 108, 2006. (apud FOLHA DE S. PAULO, 1976).

⁴² JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.62.

Que vida. Que alegria...
E agora... Casa de Alvenaria.
Outro livro que vae circular
As tristezas vão duplicar.
Os que pedem para eu auxiliar
A concretizar os teus desejos
penso: eu devia publicar...
-so o 'quarto de despejo'.
No inicio veio admiração
O meu nome circulou a Nação.
Surgiu uma escritora favelada.
Chama: Carolina Maria de Jesus.
E as obras que ela produz
Deixou a humanidade habismada
No inicio eu fiquei confusa.
parece que estava oclusa
Num estôjo de marfim.
Eu era solicitada
Eu era bajulada.
Como um querubim.
Depois começaram a me invejar.
Diziam você, deve dar
os teus bens, para um assilo
Os que assim me falava
Não pensava.
Nos meus filhos.
As damas da alta sociedade.
Dizia: praticae a carioadade.
Doando aos pobres agasalhos.
Mas o dinheiro da alta sociedade
Não é destinado a caridade
É para os prados, e os baralhos
E assim, eu fui desiludindo
O meu ideal foi regredindo
igual um corpo envelheçendo.
Fui enrrugando, enrrugando..
petalas de rosa, murchando, murchando

E... estou morrendo!
Na campa silente e fria
Hei de repousar um dia...
Não levo nenhuma ilusão
porque a escritora favelada
Foi rosa despetalada.⁴³

Verifica-se, mais uma vez, que a indiferença para uma mulher negra, ainda é uma questão frequentemente enraizada: as opressões aos quais Carolina Maria de Jesus passou ao longo de sua vida são comuns para as populações negras. A condição de sujeito inferiorizado permanece, à medida que Carolina Maria de Jesus ainda é vista como inferior, sob exploração e subordinação a diversos tipos de racismos, não aceitação da sua condição como escritora, ao fato de a autora ser vista como alguém ignorante de quem seria possível tirar proveito financeiro.—Relata a autora que:

O sol estava gostoso. Comecei a pensar na minha vida. Todos dizem que fiquei rica. Que eu fiquei feliz. Quem assim o diz estão enganados. Devido o sucesso do meu livro eu passei a ser olhada como uma letra de cambio. Represento o lucro. Uma mina de ouro, admirada por uns e criticada por outros.⁴⁴

Para enfatizar mais ainda este ponto, Carolina Maria de Jesus escreveu:

24 de outubro ... As 11 horas chegou o Rubens. Disse-me que conseguiu 170.000 cruzeiros emprestado com o seu tio e quer que eu lhe empreste 180.000 cruzeiros, que ele quer comprar um caminhão. O caminhão custa 350.000 cruzeiros. Eu nunca pedi dinheiro emprestado para ninguém. Pedia pão para os meus filhos e sobra de comida.

Eu disse que estou juntando dinheiro para comprar uma casa ou um sitio, porque as coisas vai piorar e eu quero ter terras para plantar. Ele disse- me que arranjou um emprego num escritório e precisa de 3.500 cruzeiros para dar de fiança. O João disse- me para eu não dar-lhe dinheiro.⁴⁵ (grifos do autor).

Sob a perspectiva da hegemonia masculina, a autora é recorrentemente vista como algo que podia-se aproveitar. A sociedade é construída sobre as bases

⁴³ JESUS, C. M. de. **Meu estranho diário**. Organização: R. Levine e J. C. S. B. Mehy. São Paulo: Xamã, 1996.p. 151-153.

⁴⁴ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.114.

⁴⁵ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.64

patriarcais, criador do estereótipo em que tende a ser vista como inferior e ainda assim, sendo constantemente alvo de aproveitadores que buscam beneficiar-se de sua riqueza, negando sua subjetividade e autonomia, usando de chantagens emocionais em troca de bens

Outro fator importante a se destacar, está relacionado a um fator que também contribui para o silenciamento e inferiorização do povo negro, neste caso relacionado a dificuldade de publicação de seus textos, visto que, o acesso a este mercado ainda é amplamente facilitado a comunidade branca, em decorrência do seu poder aquisitivo e imagem.

19 de outubro...Alguns criticos dizem que sou pernóstica quando escrevo -os filhos abluiram-se- Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico? ⁴⁶ (grifos do autor).

Além disso, as editoras ainda preferiam publicar escritos daqueles que já eram bem visto pelo mercado. Sendo assim, se tornava cada vez mais difícil para a mulher negra superar este impasse tão enraizado e disputar com os homens brancos no âmbito editorial, visto que, a participação da mulher negra ainda não é valorizada. Estes espaços são frequentemente reservados aos homens brancos e ricos.

Esse sistema de silenciamento e desvalorização para com Carolina Maria de Jesus, é visto principalmente quando se trata de sua classe e etnia, já que neste caso é duplamente inferiorizada, primeiro com relação a sua cor e segundo por consequência de seu gênero.

Em geral, quando pessoas falam sobre a “força” de mulheres negras, referem-se à maneira como percebem que mulheres negras lidam com a opressão. Ignoram a realidade de que ser forte diante da opressão não é o mesmo que superá-la, que resistência não deve ser confundida com transformação.⁴⁷

Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus não se reprimiu diante das barreiras enfrentadas, superando as diversas dificuldades para que sua escrita seja vista, influenciando assim muitas vozes que até então não eram ouvidas.

Sendo assim, partindo de ponto em que Carolina Maria de Jesus se encontra, sendo uma mulher, pobre e negra, tendo várias vias de opressões. A autora utiliza-se

⁴⁶ JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA**: diário de uma ex-favelada. v. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951. p.63-64.

⁴⁷ **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.p.25.

da sua escrita de seu cotidiano trazendo-nos suas experiencias, a situações ainda vivenciados por muitas mulheres negras periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo buscou-se explorar a vida e trajetória de Carolina Maria de Jesus e refletir como as complexas categorias que se interseccionam influenciam na trajetória desta escritora. Analisou-se através da escrita de si, como raça, gênero e classe influenciam a forma como o indivíduo se percebe e percebe o mundo.

Para construir toda esta pesquisa utilizou-se como base o livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*” e “*Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*”, refletindo assim sobre como as diversas opressões que autora passou afetou sua vida. Os dois livros selecionados registram as formas de silenciamento praticadas contra a autora, uma mulher negra, pobre, mãe solteira e periférica. Nesse sentido, se faz presente o racismo, pobreza, desigualdade de gênero e social, que permeia a vida de muitas mulheres negras, como Carolina Maria de Jesus e como ela lidou com todas as barreiras pelas quais passou.

As obras registram ainda questões relacionadas às necessidades econômicas vividas pela autora. Essas questões se fazem presente principalmente no desenvolvimento de seus textos, indo contra os padrões existentes socialmente e possibilitando uma resistência negra, principalmente relacionada a escrita do gênero feminino, desconstruindo assim os estereótipos já traçados e denunciando as diversas opressões pelas quais estes grupos passam. Esta escrita mostra como a literatura feminina negra está buscando seu espaço no âmbito da produção escrita no Brasil.

Carolina Maria de Jesus utiliza-se de uma escrita sensível e pessoal para construir uma narrativa completa de sua vida aos leitores, descrevendo situações em que ela como mulher negra teve que passar. Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus da voz a assuntos relacionados a racismo, sexismo e fome dentro e fora da favela, provocando assim, inúmeros questionamentos. A união dessas diversas intersecções e o desenrolar as diversas situações pelas quais a autora teve que passar. Nesse

sentido, isso se alinha com a interpretação de estudiosos como Carla Akotirene⁴⁸, que argumentam que a Interseccionalidade é uma ferramenta analítica base para compreender as complexas relações de poder e opressão na sociedade, criando experiências únicas de preconceitos, discriminações e privilégios de alguns. Para Carolina Maria de Jesus escrever a partir de sua vivência, é escrever a história de todos os favelados, uma vez que traz um diário, narrando todo o seu cotidiano para publicação.

Um dos aspectos de maior importância nas duas obras analisadas da Carolina Maria de Jesus é o de descrever os acontecimentos do seu dia a dia e no cenário de uma parte ainda esquecida no Brasil, a favela. Essas obras caracterizam-se pelo foco na fidelidade de seus acontecimentos e nas falas sensíveis e pessoais usadas por ela, tendo como ênfase a escrita de si, descrevendo uma realidade ainda presente e as sombras da desigualdade que ainda perpassam principalmente a mulher negra, em condições precárias. Inclui-se também em seus textos a condições de muitas mulheres faveladas que foram impossibilitadas escrever, de ter uma vida digna e de sucesso.

Nesse sentido, os resultados desta pesquisa mostram uma correlação entre raça, gênero, classe social e identidade e suas consequências sociais. A partir da análise do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e “Casa de Alvenaria” foi possível identificar padrões que indicam que a persistência desta visão desmoralizante com a figura feminina negra, na sociedade atual acontece devido aos vieses machistas enraizados desde muito cedo, resultando na tendência de considerar como errado ou desmoralizador tudo o que se desvia dos padrões existentes. Essa mentalidade também contribui para a desvalorização e desrespeito feminino ao longo dos anos, limitando o reconhecimento e o desenvolvimento das capacidades intelectuais das mulheres. A pesquisa também revelou a importância da literatura como meio de expressão e instrumento de transformação social, além de promover a valorização da diversidade cultural e a defesa pela vida.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

⁴⁸ AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**: uma introdução. São Paulo: Editora Letramento, 2019.

- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista, Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p 175, 2002. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/0>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69.
- GONÇALVES, Mario Antônio. **Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus).** Rio de Janeiro: Horizontes Antropológicos, 2014. p. 23-24.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, 1987. p.3.
- HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher? [recurso eletrônico]: mulheres negras e feminismo** / bell hooks; tradução Bhumi Libanio. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.p.26.
- JESUS. Carolina Maria. **CASA DE ALVENARIA: diário de uma ex-favelada.** Vol. 4 da Coleção "Contrastes e Confrontos". Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1951.
- JESUS, C. M. de. **Meu estranho diário.** Organização: R. Levine e J. C. S. B. Meihy. São Paulo: Xamã, 1996.p. 151-153.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10.ed. São Paulo: Ática, 2014.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza 2007.
- SILVEIRA, R. S; NARDI, H. C. **Interseccionalidade, gênero, raça e etnia e a Lei Maria da Penha.** pp. 14-23. 2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe/03.pdf> Acesso em: 9 jun. 2018.
- MACHADO, Marília Novais da Mata. **Os escritos de Carolina Maria de Jesus:** determinações e imaginário. Psicologia & Sociedade, v. 18, n. 2, p. 108, 2006. (apud FOLHA DE S. PAULO, 1976).
- MUNANGA, Kabengele, **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada / organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.22-23.

- QUEIROZ, Teresinha. História e literatura. In: QUEIROZ, Teresinha **Do singular ao plural**. Recife: Edições do Bagaço, 2006. p 83.
- QUEIROZ, Teresinha. História e literatura. In: QUEIROZ, Teresinha **Do singular ao plural**. Recife: Edições do Bagaço, 2006. p 89.
- RICHARTZ, Terezinha. Paradoxos da implementação da lei de cotas para cargos no legislativo paulista nos partidos PT, PSDB e PFL. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP). São Paulo, 2007, p. 26.
- SAFFIOTI, Heleitch I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.p.8.
- SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.